

Babá-Saunth-Dessay, chefe dos fondûs, e um seu companheiro

RECORDAÇÕES DE VIAGEM

(Vid. pag. 308)

Os timores, indigenas da ilha, pertencem á raça malaia. São geralmente de estatura mediana, magros, faltos de vigor, anemicos, de côr bronzeada e cabello corredio. Ha, comtudo, alguns habitantes dos montes de fórmas avultadas e robustos.

Indolentes em excesso, como já tive occasião de dizer-te, não são mais expeditos nos movimentos do espirito do que nos do corpo. Irresolutos e desconfiados, são em extremo demorados em comprehender o que se lhes ensina. Vivem em pequenas povoações constituidas por grupos de cabanas, entregues a plena ociosidade, deixando ás mulheres o cuidado de lhes procurarem o alimento, que consiste principalmente n'um pouco de milho. São tambem as mulheres que fabricam os pannos com que elles e ellas se cobrem, e as esteiras que lhes servem de camas.

Causou-me verdadeira surpreza o dizerem-me que um artista timor, carpinteiro ou pedreiro, ganhava de salario a modica quantia de 80 réis diarios; mas maior foi o meu espanto quando soube que era tal estipendio extremamente caro, porque o trabalho de um timor n'um anno não chega ao de um operario europeu em quinze dias.

Abunda a ilha em cavallos. Embora pequenos, pela estatura dos de Cabo Verde, são corredores e bastante vigorosos. É extraordinaria a barateza d'estes animaes. Um cavallo dos melhores póde custar em Dilly quarenta rupias, quantia correspondente a 12$800 réis da nossa moeda; e muito mais barato póde elle ser havido no interior, onde os indigenas o trocam por dois ou tres lenços de seda.

A guarnição militar da colonia é constituida pelo chamado *batalhão defensor de Timor*. Fraco apoio póde a auctoridade esperar de um corpo que pelo seu lado moral é composto quasi exclusivamente de praças mandadas disciplinarmente do reino como incorrigiveis, e pelo lado physico tem sempre metade da sua gente doente, e o resto deteriorado por febres anteriores. Vêem-se muitas vezes as sentinellas com as jaquetas abertas, porque o volume do figado e do baço lhes não consente abotoal-as. A gente que lá vi com um physico mais susceptivel de garbo militar foram alguns soldados negros idos de Angola e de Moçambique. Imagina por aqui dos outros.

Uma coisa muito para se ver e admirar é a banda de musica do batalhão. E vi n'ella uma coisa que ainda hoje não sei explicar: foi a existencia de duas flautas, tocadas uma com a embocadura para a direita e a outra com ella para a esquerda. Não posso imaginar que fina combinação acustica exigia aquella differença da collocação nas duas flautas da banda musical de Timor; assim como não sei por que meio os artistas conseguem obter uma desafinação *sui ge-*

neris, que pela constancia, e pelos outros caracteres que se lhe notam, não acredito seja casual, mas sim filha de proposito e de calculo.

A receita publica em Timor provém principalmente de um pequeno tributo que nos pagam os reis indigenas, e que se denomina *finta*, e do rendimento da alfandega. A finta é paga em pannos dos que as mulheres fabricam na ilha; o governo vende-os em leilão, fazendo entrar o producto no cofre da fazenda. O rendimento da alfandega é escasso, em harmonia com a pequenez do commercio de Dilly; e deduzida d'ella a despeza de empregados e material, fica o seu producto liquido reduzido a uma insignificante quantia, que não compensa o prejuizo que por outro lado é causado pela existencia da alfandega, afugentando a exportação de algum café cultivado no interior, e que vae ser embarcado em Copany, capital do dominio hollandez na ilha, onde ha porto franco.

Ha um grandissimo *deficit*, que é preenchido pelo subsidio annual da metropole.

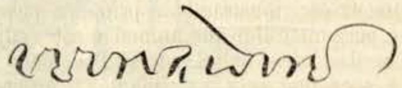
As missões, a que nós exclusivamente devemos a occupação da ilha, acham-se em estado de total abandono. Ha em Dilly um ecclesiastico investido da dignidade de superior da missão, mas faltam-lhe os subordinados, e ha muitos annos que se não fazem catecheses nem se conquistam infieis para o gremio da egreja.

Esteve Timor desde o principio do dominio portuguez até 1844 encorporada na capitania geral dos estados da India, tendo um governador subalterno. N'aquelle anno foi d'ella separada conjunctamente com Macau, ficando estas duas colonias constituindo uma provincia ou governo independente. Em 1863 pareceu ao governo da metropole que a separação de Timor para constituir por si só uma provincia era uma medida de grande alcance, e foi decretada a separação de Timor do governo de Macau. Mas a experiencia demonstrou que isso importava apenas augmento de despeza, e nenhuma vantagem para a colonisação. O governo de Timor passou por isso ultimamente a ser outra vez subalterno do de Macau.

Não quero deixar de narrar-te um facto bastante demonstrativo do estado de atrazo em que se acha a colonia de que te tenho fallado n'esta carta. Havia, quando eu alli estive, dois membros do conselho do governo (que eram taes pela circunstancia de serem dos mais abastados proprietarios da provincia) indigenas, que andavam no exercicio commum da sua vida trajando os pannos usados geralmente pelos malaios, e só quando iam em serviço a casa do governador vestiam calças e casaco, e punham na cabeça chapéo, trajo cançado já por mais de dez annos de serviço em corpo europeu quando foi comprado pelos dois illustres conselheiros. Foram estes um dia convidados, em virtude da sua posição official, para um baile que o governador deu aos officiaes de um navio de guerra que se achava surto no porto. Os nossos homens compareceram, e com o seu trajo de corte acima mencionado. Como não soubessem tomar parte nas danças européas, e vissem n'uma das salas mesas com baralhos e mais preparos para jogo, aproximaram-se de uma d'ellas e começaram a jogar o burro, querendo n'isso dar um documento de que estavam iniciados no artificio d'este passatempo europeu. É escusado dizer-te que os dois homens foram o alvo da hilaridade toda a noite, até que se debruçaram dormindo sobre a mesa, sendo despertados pelos criados quando se evacuaram as salas.

Terminarei esta carta fallando-te de uma tribu da India ingleza que hoje vive em Timor, os *fondús*. O odio aos dominadores britannicos era n'estes indios tradicional e profundo. Insurgindo-se contra elles, foram batidos, e em retirada internaram-se no nosso territorio. Acolhidos á protecção da nossa bandeira, foram baldadas as reclamações das auctoridades inglezas para que os entregassemos. O governador da nossa India, que era então o fallecido visconde de Ourem, negou-se nobremente a satisfazer as exigencias deshumanas do nosso poderoso visinho no Oriente, e os fondús continuaram a residir no territorio portuguez em plena segurança. Tendo, porém, illudido a vigilancia e a boa fé das nossas auctoridades, entraram de novo armados e hostilmente nos dominios inglezes, e, acossados outra vez, voltaram a acolher-se sob a nossa protecção. Foi então necessario retiral-os da India para evitar nova violação do direito das gentes. Foram por isso deportados para Timor, onde vivem á custa de um subsidio que lhes dá o governo portuguez.

Foi a bordo a visitar-nos o chefe com alguns parentes e criados. São bellos homens, de aspecto nobre e viril, olhar vivo e intelligente. Podémos obter o retrato do chefe, Babá-Saunth-Dessay, tirado por um dos nossos camaradas no acto da visita, de que damos a gravura, assim como do outro companheiro mais novo.



Fac-simile da assignatura do chefe Babá-Saunth-Dessay

Tanto n'essa occasião, como quando lhes fomos retribuir a visita, mostraram-se muito nossos amigos, e acolheram-nos magnificamente.

O aspecto altivo, mas sereno e bondoso, dos fondús, desfigurava-se completamente quando lhes fallavamos dos inglezes. O olhar illuminava-se-lhes subitamente pelo odio, e eram terriveis as imprecações contra os seus dominadores.

João de Lacerda.

SCIENCIA POPULAR

OS LEPIDOPTEROS DIURNOS

(Vid. pag. 273)

III

O nome de lepidoptero ou de borboleta, que é o mais vulgar, e certamente o mais canoro e harmonioso, traz implicitamente a idéa de elegancia, garbo, fórmas correctas e symetricas, posto que ligeiras e com um quê de vaporoso e aéreo.

Querer descrever as borboletas de azas amplas e recortadas, de côres vivas e variegadas, cambiadas de matizes opulentos, é trabalho que não se coaduna com a indole d'este jornal.

A descripção poetica, arrebicada, imaginosa, á moda de Bernadin de Saint-Pierre, e até de Linneo e Buffon, já hoje é mal acceita, porque o fim que a observação se propõe é mais philosophico.

Mas se a descripção fosse puramente scientifica, seria necessario entrar em minucias e pormenores, classificando, dividindo e distribuindo methodicamente, segundo os caracteres essenciaes, em generos, especies, familias, tribus e variedades, attendendo á anatomia dos orgãos, á physiologia ou estudo das funcções, o que levaria muito espaço, e porventura com pouca utilidade e recreio dos leitores.

É sabido que os insectos se metamorphoseiam, isto é, mudam de fórmas, passam por diversos estados, cada um dos quaes é caracterisado por conformação, instinctos e habitos diversos. Como, pois, resumir em estreito quadro tão vasto e compendioso capitulo da historia natural?

Fallaremos por em quanto dos insectos diurnos, como aquelles que ostentam côres mais vivas e brilhantes, fórmas mais airosas e engraçadas, metamorphoses

mais completas e distinctas, instinctos mais pronunciados, e porque, em fim, sendo estes os lepidopteros mais conhecidos e admirados de todos, convinha que fossem os eleitos e merecessem ser apresentados como specimens. As borboletas diurnas ou os lepidopteros de azas sem freio, são, com effeito, de todos os mais elegantes e formosos. O colorido das suas azas esplende com brilho magico aos raios do sol, quando volita pelas campinas e poisa nas flores a fim de lhes sugar o doce nectar, que se deposita nas pétalas mimosas.

São as azas d'estes insectos muito amplas e recortadas phantasiosamente nos rebordos. Ora se contornam arredondando-se graciosamente, ora o rebordo posterior se prolonga formando um rastro ou cauda, umas vezes curta e larga, outras vezes miuda, tenue, alongada, que dá ao insecto um porte magestoso, uns ademanes fidalgos e cortezãos, como se a natureza se aprouvesse de juntar á formosura a nobreza em corpinho tão exiguo e debil. Os lepidopteros diurnos são conhecidos de todos, ainda os mais rudes e ignorantes. Apanhae um d'esses animaesinhos que poisa contente e loução sobre a flor e introduz a boca na recondita nectarea; mostrae-o á primeira pessoa que passar, e perguntae-lhe que animal é este, cujas azas se tingem das mais bellas côres. Por mais ignaro, bronco e soez que seja o viandante, ficae certo que ha de parar, e dirá satisfeito, posto que admirado de tanta formosura: é uma borboleta. É que se a borboleta nocturna, a phalena melancolica, que voeja á noite pelas ramadas dos bosques sombrios e calados, se deixa attrahir pelo clarão da luz e busca a morte no fogo, em compensação a borboleta diurna attrahe-nos a todos, e quantas vezes o ancião, acurvado pelos annos, apressa os tardos passos para seguir o doidejante insecto nos seus zigs-zags caprichosos e nas suas correrias loucas? Mas a compensação não é completa, e quasi sempre a borboleta, quer seja nocturna, quer seja diurna, encontra a morte como premio da sua belleza.

Nem só o infante cruel se cança a perseguir as borboletas; os sabios naturalistas, essas crianças eternas que debalde intentam restringir e affeiçoar, desbastar e decotar a natureza á medida da craveira dos anões, ou segundo os moldes de uma imaginação pobrissima; os sabios, esses terriveis collectores, esses agentes implacaveis do fisco scientifico, que tantas vezes se deixa enganar e recebe por boa e legal mercadoria o que é descarado contrabando; os sabios, repetimos, declararam guerra de morte aos pobres insectos, que, mal contentes com tantas honrarias, dispensariam as poeticas denominações de Linneo, com a condição de os deixarem viver livres e descuidosos por todas as vastas campinas do mundo, as quaes alegram com o seu zumbido e animam com a sua formosura. A sciencia tem acceitado de boamente, coisa a que raro é atreita, as denominações poeticas com que os primeiros naturalistas appellidaram muitas especies de insectos. É assim que em vez de nomes arrevezados, corruptelas de barbaras terminações latinas e radicaes gregos, com que a sciencia vae formando quotidianamente a sua terrivel nomenclatura, com o pretexto demasiado ridiculo de que as denominações sejam philosophicas, ou definições abbreviadas, succintas e claras, verdadeiros symbolos ou algarithmos do objecto denominado; a historia natural dos insectos conta lindos nomes, devidos pela maior parte a Linneo. Os insectos cavalleiros *(equites)*, que se dividem em cavalleiros troyanos e gregos, os parnassios, os argus, os satyros, as borboletas plebéas ruricolas, e as borboletas plebéas urbicolas, são denominações que, com peccarem pelo arrebicado da fórma, ganham na sonoridade e no sentimento poetico que as dictou.

Os formosos lepidopteros, que os naturalistas por muito tempo chamaram diurnos, e que o vulgo denomina borboleta do dia, não tem as azas posteriores presas ás azas anteriores, e o seu vôo é saltitante e irregular. Quando repoisam, erguem-se as azas sobre o corpo e deixam ver a face inferior. As patas d'estes insectos são frageis, tenues, e só servem para o animal se empoleirar. Os tarsos possuem umas garrasinhas quasi imperceptiveis a olho nú, e que servem para a adherencia. Estas garras rudimentares nascem conforme os typos, affectam fórma diversa, segundo os insectos gostam de poisar n'um ou n'outro vegetal.

Todas as especies diurnas tem antennas que terminam em maça, umas vezes tenue, outras vezes bastante grossa, arredondada ou achatada. Estas differenças são caracteristicas, e d'ellas se servem os naturalistas na classificação.

Dividem-se os insectos diurnos em quatro grandes familias ou grupos: *papiolionides*, *nymphalides*, *erycinides* e *hesperiides*, aos quaes convém porventura ajuntar outro grupo, que comprehende um numero pequenissimo de especies da America do Sul, Molucas e ilhas de Sonda. Este quinto grupo foi denominado *cydimonides*.

Descrever ainda só estas cinco familias com todas as especies e generos levar-nos-hia muito longe, e teriamos de encher espaço precioso, que é forçoso distribuir a outras materias de não somenos importancia e momento. Fallaremos, portanto, muito pelo alto de cada grupo, começando pelos papilionides, aos quaes pertence o insecto cujas metamorphoses são representadas na gravura que se vê a pag. 273.

IV

Os papilionides são caracterisados por patas anteriores ou dianteiras bem distinctas e desenvolvidas, por umas palpebras completamente guarnecidas de escamas e curtas, de modo que não excedem os olhos. Possuem tambem antennas terminadas por maça alongada.

Comprehende esta familia muitos generos, cujas especies, espalhadas profusamente pela Europa, enlevam e prendem os olhos dos que, durante o estio, preferem as placidas solidões do campo ao bulicio e borborinho das cidades.

O *machaon* é porventura a borboleta propriamente dita, porque nas nossas latitudes representa mais condigna, abundante e amplamente o grupo das papilionides. As especies do genero borboleta, disseminadas por toda a superficie terrestre, por todas as latitudes e longitudes, nos climas temperados, torridos e frigidos, nas planicies e nas cordilheiras, são, de certo, um dos mais bellos ornamentos da natureza animada.

Quem corre com a vista todos os specimens mais ou menos brilhantes e formosos das innumeras especies d'este genero, dispostas methodicamente nas galerias de um museu de historia natural, sente a vista fascinada de tanta belleza. Vê todas as côres, segundo uma gamma infinita, desde o negro luzidio até á candura immaculada da neve. Todos os infinitos cambiantes do espectro solar se encontram nas azas multicôres das borboletas, cujo corpo annelado, bombeado no centro, um pouco pyramidal, é a representação viva, a imagem verdadeira da elegancia, da belleza, da perfeição e correcção de fórmas.

É impossivel phantasiar mais opulencias de colorido, mais riqueza e pujança de esplendores e maravilhas, mais delicadeza e mimo de contornos. As azas são perfeitas na graça, na symetria, nas nervuras e nos rebordos.

O prolongamento que ás vezes tem, figurando uma cauda magestosa, dá á borboleta um porte distincto e nobre, sem lhe tirar a graça, o donaire, a louçania, a frescura, esse quê de vaporoso, ligeiro, saltitante,

que torna a borboleta a imagem querida da mulher formosa, risonha, *coquette*, meio anjo, meio diabrete, mixto de andaluza e de walkyrie, que ora se tinge de rubro virginal, ora empallidece de voluptuosidade, e cujo rosto feiticeiro é o espelho onde se retratam todas as paixões da alma.

Nas azas das borboletas ostentam-se todas as côres vivas e brilhantes, todas as *nuances* esmorecidas e melancolicas, separadas por esbatidos suavissimos, assetinados, devidos aos admiraveis e deliciosos effeitos da transparencia. Outras vezes as côres são modestas, despretenciosas, como as que convem á viuvez, á saudade reflexiva e dulcissima, mas tão bem e tanto a preceito as combinou a natureza, com tal magia e arte as dispoz, que o effeito d'ellas é encantador, e produz uma impressão indizivel de casta belleza.

Como acima dissemos, o machaon é a borboleta mais commum, e nem por isso menos formosa, das especies que compõem o grupo das papilionides.

Diversos são os sitios em que vive e espaneja as azas aos raios do sol.

Toda a Europa, a Asia septentrional até ás montanhas de Cachemira, e o norte de Africa, são os tectos onde apparece, se procria e reproduz.

Por isso o tomámos como typo do genero, por ser de todos conhecido e admirado.

(Continúa) A. Osorio de Vasconcellos.

LUIZ DE CAMÕES

(Conclusão. Vid. pag. 306)

VI

Resumiremos n'este ultimo capitulo o muito mais que nos cumpria dizer ácerca do eminente poeta. O que até aqui temos feito é, salvo o engano, condensar em algumas paginas o que constitue a individualidade de Camões; trabalho de outra plenitude seria para livro de tomo, e não para uma tentativa de critica. Quem póde abranger e apreciar nas diversas phases o vulto giganteo d'estes labutadores sublimes chama-se Taine, e esculpe *La Fontaine et ses fables*, ou appellida-se Victor Hugo, e cinzela *William Shakespeare*. O busto do cantor de Ignez precisava de ser modelado por um d'estes Buonarottis.

Chegámos ao ponto em que Camões deve ser estudado na sua lyrica, nas suas rimas diversas; a primeira interrogação que se nos levanta no espirito é em qual das fórmas do lyrismo se avantaja mais decididamente, quaes das suas composições merecem applauso mais vivo.

N'isto, como em outros assumptos, as opiniões divergem. Garrett (e quando se nomeia Garrett temos de inclinar a cabeça) preferia a tudo as canções; Costa e Silva, citando em seu abono o padre Thomaz d'Aquino, opta pelas odes, «por serem as unicas, de todas as que se escreveram n'aquelle seculo, cujo estilo se aproxima ao estilo lyrico dos antigos [1].»

Eu, sem querer campar pela novidade do conceito, tenho para mim que as eclogas formam a parte mais notavel das suas rimas; é ahi que o poeta se me representa mais natural, mais viçoso, mais cheio de galas despretenciosas, e ao mesmo tempo com um fogo, com um impeto imaginoso, que, sem destruir a frescura campestre, a illumina de clarões esplendidos. Vejamos ao acaso este delicioso alfoufe de poesia campesina; que suavidade em cada verso, que delicadeza em cada quadro!

«O vento d'entre as arvores respira,
Fazendo companhia ao claro rio;
Nas sombras a ave garrula suspira,
Sua mágoa espalhando ao vento frio.
Toca, Frondelio, toca a doce lyra;
Que d'aquelle verde alamo sombrio
A branda philomela entristecida
Ao mais saudoso canto te convida.»

Em qual outro poeta do seculo se encontra esta fluencia elegante, esta viveza de côres, este mimo e esta melancolia indizivel que se nos côa até ao fundo d'alma? Será nas philosophias em linguagem labrusca dos pastores de Sá de Miranda, ou na Filis e Androgeo de Andrade Caminha? Será no duro e frio Antonio Ferreira, ou no presumido e marinesco Diogo Bernardes?

Não é nosso intento descarregar o camartello da censura sobre nomes que a posteridade embalsamou, para levantarmos sobre os destroços a figura colossal do nosso poeta; quando se trata, porém, de deitar o esquadro a estes mestres da arte, é indispensavel saber as condições do periodo em que floresceram, e a valia dos que se alcandoraram como émulos. Antes de Camões, apenas n'algumas das coplas de Bernardim achâmos esse sabor bucolico e essa vaga tristeza, que, só depois d'elle, nos torna a apparecer em assomos nos trechos idyllicos de Rodrigues Lobo.

Quer o poeta, por exemplo, descrever em tom apaixonado as mágoas e anciedades de um pastor? Vêde o arrojo e a verdade com que prorompe:

«Este logar, de ti desamparado,
Com cujas sombras frias já folgaste,
Agora triste, escuro é já tornado;
Que todo o bem comtigo nos levaste.
Eras tu nosso sol mais desejado;
Não temos luz depois que nos deixaste.
Torna, meu claro sol; torna, meu bem:
Qual é o Josué que te detem?»

Haverá no ultimo verso um lampejo que sae da chaneza rural? Embora; mas o espirito deslumbra-se com estes fogos, que, tirando á poesia pastoril o que ella tem de monotono nas suas descripções e queixumes, reverberam (se me permittem a imagem) n'esses rios que mais se engrossam com as lagrimas dos pegureiros que com as aguadas da invernia.

Deixâmos firmado o nosso parecer pelo que respeita ás eclogas, e passâmos aos demais lavores, que tantos são elles e tão ricos, que de antemão se nos está deliciando a phantasia e accrescentando a vontade. Em todo este estudo tem sido quasi formal a abstenção de extratar e reproduzir os lanços camonianos; a critica não é para os que não leram o poeta, é para os que, lendo-o, não carecem mais do que de uma referencia ao logar alludido. Por isso não nos demorâmos em transplantes inuteis, e limitâmo-nos apenas a indicar o canteiro onde se baloiçam as flores de aroma mais subtil e de mais sorridentes pétalas.

As canções seguem ás eclogas, e, apesar do estilo se elevar n'ellas a outros assumptos, comtudo, ainda a miude se denuncia o amor de Camões pelos simples encantos da natureza. O seu pincel vigoroso ora debuxa

«...um sêcco, duro, esteril monte,
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave vôa, ou fera dorme:»

ora, servindo-se de um colorido mais doce, pinta as hervas rociadas e os passaros que

«De raminho em raminho vão saltando,
E com suave e doce melodia
O claro dia estão manifestando.»

Entre todas as canções, a que mais de banda pa-

[1] *Ensaio biographico*, etc., tomo III, pag. 157.

rece ter posto os modelos de Italia, para fallar com a verdade do coração e com o sentimento de uma angustia entranhada, é a canção XI. Já o recordámos no começo d'esta tentativa, buscando n'ella explicação para uma dúvida biographica. N'esse poema doloroso, Camões, sentado á beira da cova, deita o olhar para o passado, e n'um canto de cysne recorda e aponta os espinhos por onde deixou a vida aos pedaços, espinhos de amor e de tribulações, luctas de alma e de corpo, desconfortos de toda a sorte, que andaram em porfia a qual maior quinhão havia de ter n'aquella existencia preclara.

Quanto mais se medita nos versos de Luiz de Camões, tanto mais bellezas se encontram; o que a uma leitura rapida nos parecêra unicamente harmonioso, achâmol-o depois sentido; o que se nos afigurára torneio ou galanteio de fórma, não é mais do que a natural delicadeza do bom gosto, cuja suprema lei é a simplicidade.

Que de riquezas a montes por aquellas *voltas e redondilhas!* Que veia inextinguivel de imaginação e de graça! Remontemos ao seculo do poeta; imaginemo-nos tornados da India, com a cicatriz na face e a espada de fino gume honrada por quatro valentes botes em gentios e infieis; ponhamos de parte a nossa fofice de adoradores de sala, e os nossos ditos a meia voz no voltear de uma walsa; comprehenderemos então o que ha de donairoso e de bello na redondilha de



Pharol de Timor

um cavalleiro gentil á dama em quem se atreveu a elevar o pensamento.

Dizia Camões a uma vestida de dó:

«De atormentado e perdido,
Já vos não peço senão
Que tenhaes no coração
O que tendes no vestido.»

Só o mote é de um requebro e de uma galanice proprias de aventureiro do seculo XVI, que não desconhece inteiramente esteiras do paço. As musas de agora (e não serei eu, captivo d'ellas, que diga isto em seu desabono) gostam mais dos perfumes da magnolia que do cheiro activo e picante das murtas; perderam o tom senhoril e garboso de outros tempos, e deram-se todas á voluptuosidade do lyrismo. As espadas já não levantam airosamente os pellotes, nem os gorros emplumados se declaram em guerra contra os chapeos de feltro. A arte, nas suas manifestações diversas, tem acompanhado estas revoluções do tempo; a deusa do amor não se deixa illaquear nas malhas do deus da guerra, mas, como no assombroso poema do pantheismo, embebe-se na contemplação da formosura universal, e modela os seus cantos por um tom mais elegiaco [1].

[1] V. Hugo — *La légende des siècles*, pag. 269.

Sobre o mote citado escreveu o poeta a seguinte volta:

«Se de dó vestida andaes
Por quem já vida não tem,
Por que não o haveis de quem
Vós tantas vezes mataes?
Que brado sem ser ouvido,
E nunca vejo senão
Cruezas no coração
E grande dó no vestido!»

N'esta delicadeza polida ha visivelmente a côr e o sentir de um poeta d'aquella epocha. Será então que os cantores do seculo XVI amam de outra fórma? Não tanto; mas o espirito do tempo exerce sobre elles a sua influencia poderosa. Camões é sobre tudo nas redondilhas que mais accusa esta verdade provada. Nos sonetos, nas eclogas, nas canções, e talvez ainda mais nas epistolas e nas elegias, a voz sae-lhe dos labios como lhe subiu do coração, sem se affeiçoar aos moldes exteriores, sem se ageitar ao gosto necessario do seculo. Ora n'este seculo, como já o disse um dos homens mais esclarecidos da França, agita-se, fluctua a roupeta monachal de Luthero; a argumentação tomou séde na poesia, a sensualidade meridional, effusiva e ardente, rendeu-se ao culto das disputações e dos raciocinios. As walkyrias do norte

sentaram-se entre as rosas napolitanas, e de lá nos trouxe o vento o echo dos seus devaneios. «Au XVI.e siècle l'amour argumente *in baroco* et *in baralipton* [1].»

Hoje em dia o amor não discute, não faz do syllogismo o seu parlamentario, não estabelece a *maior* e a *menor* em fórma de tranqueiras para d'ahi disparar o *ergo* concludente e peremptorio; carrega de chofre sobre o inimigo com todo o peso da commoção lyrica, embriaga-o pelos arrulhos, faz-se pomba, sae do intimo do poeta como de uma arca perdida, e Deus sabe quantas vezes traz no bico o tronco verde, prenuncio de reconciliações suspiradas!

Nos sonetos, Camões revela exuberantemente a sensibilidade e a melancolia da sua alma. Com quanto n'este ou n'aquelle se descubra a acção deleteria do petrarchismo, o poeta não se atira de coração á vaga mystica do reformador das letras, e segue por onde o impelle o curso natural das suas inclinações e amores. A saudade transpira d'aquelles gemidos, o desengano de muitos sonhos soluça n'aquelles versos. Ha n'elles o cunho da vida real, vida agitada, tormentosa, batida por todos os vendavaes, e até maculada pela baba de muitas ondas. Quando o poeta se absorve n'esta immensa tristeza das recordações e dos desconsolos, o canto deriva-lhe correntio e sereno, sem curar dos enviezamentos e torcicollos da anthitese, nem se aprazer com os *concetti* celebrados.

As odes são ainda uns dos seus trabalhos mais dignos de reparo. A musa classica, essa serviçal amiga de Horacio e de Pindaro, que andára com pouco fructo a desparzir favores por Caminha e Ferreira, veiu achar a acolhença de um arcade no templo magestoso do epico. Os murmurios sonorosos das olympicas gregas e os sons da lyra venuzina confundem-se nas estrophes de Camões; a vehemencia da expressão não impede as louçainhas do estilo; o furor divino, o enthusiasmo sagrado, não o desváira em exaggerações empoladas, nem tão pouco em altisonancias de oraculo. Na ode VII, por exemplo, ha toda a magestade da ode antiga, sem os cocorutos e inchações que mais tarde haviam de ser privilegio e distinctivo honroso da nossa arcadia prógnostica.

As elegias e as epistolas, que em muitas partes se confundem pelo estilo (segundo a opinião de Bouterweek, citado por Costa e Silva), são de todas as obras de Camões aquellas em que a sua vida se espelha mais claramente. O que elle soffreu e o que elle pensou está alli como reliquia commemorativa n'aquelle sacrario de preciosidades poeticas. A elegia I, que começa:

> «O sulmonense Ovidio, desterrado
> Na aspereza do Ponto, imaginando
> Vêr-se de seus penates apartado;»

e de egual modo a epistola I, de uma concepção nova em poesia, são thesouros que se admiram, mas que não se podem emparceirar com os dos mais gabados poetas do seculo.

Estamos, finalmente, chegados ao cabo da navegação; percorremos em duas singraduras este Oceano, em cujo fundo se occultam tantas ramadas de coraes e tantas perolas finissimas, e agora, avistando a praia, só nos cumpre elevar a voz e bemdizer as ondas, que tão amplas correm e que tão limpidas se doiram com os esplendores do firmamento. Camões é um d'esses homens oceanos em que falla o grande poeta de Hauteville-house; desde a caravela soberba até ao batel fragil e delicado, tudo póde correr e velejar n'aquellas aguas transparentes.

Vimol-o na poesia epica, arrogante e olympico; depois, no lyrismo cormental, melancolico e affectuoso; nas redondilhas encontrâmol-o epigrammatico a espaços, e outras vezes loução e galanteador como o mais primoroso escudeiro; vejâmol-o agora, por ultimo, na poesia dramatica, onde elle tão maltratado ha sido pelos criticos de torna-viagem.

Simonde de Sismondi, a quem Portugal tanto deve pelo seu vol. IV *De la litterature du midi de l'Europe* (embora julgue sem profundeza nem alcance philosophico), lavrou em duas linhas a sentença condemnatoria de Camões em materia dramatica: «Não demoremos a attenção sobre os bosquejos imperfeitos d'esse homem que nos legou obras primas [1].»

Temos por iniquo o julgamento do critico. Luiz de Camões, seguindo a fórma nacional de Gil Vicente, em vez de ir no encalço dos mestres classicos, á similhança de Miranda e Ferreira, apurou e alimpou das fezes a fabula primitiva, deu mais vida e concatenação ao entrecho, acalorou o dialogo, preparou com mais naturalidade os desenlaces; e sem se aproveitar do sal grosso que ás abadas tinha sempre de geito o poeta dos *Autos*, desparziu o bom sabor e a fina especiaria, que são os condimentos inseparaveis da comédia. Nos *Amphitriões*, em que elle imitou Plauto, ha bellezas de primeira ordem. A tão conhecida scena entre Mercurio e Sosia não tem, nem mesmo em Gil Vicente, outra egual com que se emparelhe. Se dos *Amphitriões* descemos ao *Filodemo* ou a *El-rey Seleuco*, sempre a mesma veia abundante, a mesma feracidade de imaginação, o mesmo pittoresco e incisivo de toques. Quem sabe para que destinos estaria reservado o theatro portuguez se porventura o grande poeta não andasse devotado a emprezas maiores? Todos os generos elle provou, e em todos imprimiu o signal do seu poderio. A critica que mais se deleita em rebuscar senões do que em proclamar bellezas, ha de achar á farta por onde engrossar a pavêa de espigas desmedradas e sêccas; mas a que preza o bello, o grande, o sublime, a despeito de um ou de outro desprimor filho da epocha, a que não apoda o ceo porque elle tem nuvens, esse ha de ir prostrar-se no pantheon das nossas glorias, cimentado e levantado por um dos maiores poetas da Europa moderna.

E. A. VIDAL.

VILLA DA LOUZÃ

(Vid. pag. 255)

IV

Depois do castello, de que fallámos no artigo antecedente, e das capellinhas de S. João e de Nossa Senhora da Piedade, singularmente construidas no cimo de um penhasco em frente d'aquellas ruinas venerandas, e a respeito das quaes já se escreveu n'este semanario [2], nenhum outro edificio ou monumento historico prende a attenção do viajante.

A egreja matriz da villa da Louzã, cuja fundação se ignora, e cujo orago é S. Silvestre, foi reconstruida no seculo XVIII, mas não se recommenda pela architectura, assim externa como internamente; e apenas tem digno de mencionar-se, de um dos lados da nave a capella do Santissimo, cuja architectura do seculo XVI tem alguma belleza e elegancia nas fórmas e ornamentação; e do lado opposto a capella da familia Ferraz, que é de architectura manuelina exteriormente, e, no interior, da epocha de D. Sebastião e dos Filippes, mas sem coisa notavel na sua disposição e ornamentação interna.

O pelourinho da villa, symbolo das antigas isenções municipaes, que o leitor verá na gravura sob a sua fórma caprichosa, é de epocha remotissima, e representa a infancia da arte. É de grés vermelho das pedreiras da serra de Alveite, nos limites dos concelhos,

1 Th. Gautier — *Les grotesques*, pag. 45.

1 Simonde de Sismondi — *Loc. cit.*, tomo IV, pag. 449.

2 Vid. *Archivo Pittoresco*, vol. IX, pag. 361.

da Louzã e de Poiares. Não ha nos archivos do municipio documento algum que diga respeito a este pelourinho. Sabe-se, todavia, que estava collocado no centro do fôro ou praça da villa, sobre uns degraus, d'onde foi removido e encostado ao cunhal dos paços do concelho, tirando-se-lhe em 1834, isto é, logo após o auspicioso restabelecimento do throno constitucional da sr.ª D. Maria II, os ferros cruzados e argolas que tinha no tronco das tres faces, e que tornavam mais tristes e lastimosas as recordações da ominosa epocha do absolutismo e da usurpação. Conhecem-se ainda hoje os vestigios d'esses ferros entre as arestas da primeira e segunda pedra do fuste, partindo do alto.

Entre os edificios particulares, tem o primeiro logar, porventura em toda a provincia da Beira, por sua grandeza e pela exuberancia dos ornatos, o palacio da bem conhecida familia Salazar, cujo ultimo representante varão foi o desembargador Bernardo Salazar Sarmento d'Eça e Alarcão. Este palacio foi edificado no presente seculo, mas nota-se-lhe, a-la-par do estilo que chamaremos gongorico, predominante no seculo XVIII e começo do actual, excessivo luxo de ornamentação na cantaria e na madeira, o que o torna muito notavel.

Anda n'esta casa de Salazar uma memoria da guerra peninsular, que, por ser curiosa e não sabermos se está ou não mencionada em algum documento ou publicação, deixaremos aqui registada.

Occorreu a memoravel batalha do Bussaco aos 27 de setembro de 1810, e a divisão portugueza, composta na maxima parte de soldados bisonhos, bateu-se, como todos sabem, com galhardia e valor taes que enlevaram as tropas inglezas, suas companheiras de armas, e o proprio commandante em chefe, lord Wellington. Parece, porém, que desde aquelle dia o exercito francez, sob o commando do general Massena, o famigerado principe de Essling, o invicto duque de Rivoli, *l'enfant chéri de la victoire*, como lhe chamava o primeiro Napoleão; parece que desde aquelle dia, dizemos, Massena, que não encontrára nunca diante de si forças que não anniquilasse, legiões que não vencesse, exercitos que não destruisse, viu-se obrigado em Portugal não só a fazer marchas que afastavam cada vez mais os seus soldados dos pontos estrategicos, mas tambem a sacrificar esses mesmos soldados em retiradas que offuscaram inteiramente o brilho da corôa esplendente do vencedor de Essling [1].

Vendo que era inutil o seu plano de atacar Lisboa, embora as linhas não podessem offerecer n'aquella epocha a resistencia que se afigurou ao marechal francez, determinou este a sua retirada para Santarem, e d'aqui para diversos pontos, entre o Mondego, o Zezere e o Alva, sempre com a esperança de que o general Soult, que então devia operar no Alemtejo, viesse dar-lhe o ultimo auxilio de que elle carecia para se livrar dos acertados movimentos do exercito anglo-portuguez; e n'esta retirada, que nada tem de honrosa para Massena, posto se diga que os outros generaes francezes, por ciume, não cumpriam rigorosamente as indicações do seu chefe, malogrando-se-lhe assim os melhores planos, os soldados praticaram em o nosso paiz actos de barbaridade e vandalismo, que ennegreceram os fastos gloriosos do primeiro imperio, e deixaram para a historia documentos incontestaveis da desmoralisação a que chegaram as forças invasoras, e do desejo de cruel vingança que as animava! Que luctuosas e negrejantes paginas ha em toda a historia da guerra peninsular!

Em março de 1811, em fim, Massena assentára o seu quartel general no palacio do desembargador Salazar, na Louzã, e o exercito francez procurára fortes posições sobre o rio Ceira e em frente da Foz de Arouce. Seguido constantemente de perto pelo exercito commandado pelo marechal duque de Wellington, na tarde do dia 15 do indicado mez, a vanguarda do exercito anglo-portuguez veiu contra a retaguarda do inimigo com tal impeto, que os francezes não só retiraram precipitadamente da Louzã, mas, tendo cortado a ponte da Foz de Arouce, sobre o rio Ceira, tres batalhões de infanteria ligeira, da força de 1:000 homens, que cobriam as bagagens, se precipitaram do côrte da ponte, morrendo a maior parte afogados. O exercito de Wellington retirou das margens do Ceira uma aguia, muitas armas, e carros de munições e bagagens [1].

Agora o episodio. A acção da Foz de Arouce, conforme se leu, verificou-se de tarde.

Como o marechal Massena retirou precipitadamente, não pôde n'aquelle dia aproveitar-se do jantar que a familia Salazar lhe preparára, bem como para o seu estado-maior; porém, hospedando-se no mesmo palacio, foi o marechal duque de Wellington quem se utilisou d'esse jantar, para assim dizermos, como festim pelo glorioso resultado da batalha da Foz de Arouce.

Ha ainda uma propriedade na Louzã, de que não deixaremos de fazer menção, já por ser encantadora e sympathica vivenda, onde chovem as bençãos dos pobres e desvalidos da villa e seus arredores, já por pertencer a uma familia de benemeritos cidadãos. É o palacete e quinta de Montenegro, comprada em 1824 pelo caridoso, liberal e distincto medico Sebastião José de Carvalho Montenegro, hoje fallecido. Esta propriedade tem sido augmentada e melhorada por um de seus honrados filhos, o sr. João Elizario de Carvalho Montenegro, ha annos residindo na provincia de S. Paulo, no imperio do Brasil, onde é tão estimado como entre os seus compatricios.

V

O concelho da Louzã não é grande. Conta 5 freguezias apenas, com 2:408 fogos e 9:709 habitantes, conforme o ultimo recenseamento e antes da promulgação da lei geral de administração civil, porque é provavel que esta lei altere o concelho dando-lhe maior importancia, e por esta razão só nos podêmos servir e referir a esclarecimentos e informações anteriormente obtidos, mas que ainda devemos considerar muito valiosos. Dos algarismos indicados acima cabem á fre-

[1] Napoleão I ficou tão descontente com as derrotas padecidas por Massena na peninsula, que, quando o famoso merechal voltou a França em 1811, não lhe deu logo nova collocação no grande exercito imperial.

[1] No officio dirigido por Wellington a D. Miguel Pereira Forjaz, datado do quartel general da Louzã a 16 de março de 1811, lê-se:

«Achámos novamente hontem o exercito inimigo, todo formado, em uma mui forte posição sobre o rio Ceira, tendo um corpo de guarda avançada em frente da Foz de Arouce, da banda de cá do rio. Immediatamente fiz as disposições necessarias para repellir-lhes a guarda avançada, preparativamente aos movimentos que se julgassem necessarios para esta manhã passar o rio Ceira... Tiveram estes movimentos o effeito de forçarem o inimigo a abandonar a sua forte posição d'este lado do Ceira, soffrendo uma perda mui consideravel, ficando prisioneiro o coronel do regimento n.º 39... Tomaram as nossas tropas muitas bagagens e alguns carros de munições em Foz de Arouce.»

Na *Gazeta de Lisboa*, n.º 96, de 23 de abril de 1811, lê-se:

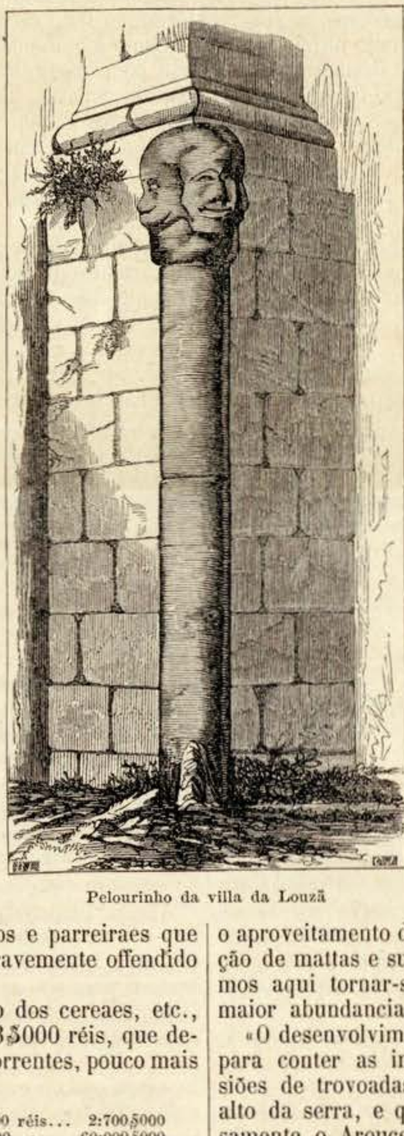
«Massena tomou com effeito posição na Redinha, em Foz de Arouce, e margens do Alva; mas em logar de repellir o inimigo, para poder retirar-se, elle mesmo foi desalojado e batido de todas as posições que tomava, obrigado a queimar grande parte da sua artilheria e bagagens, e abandonar outras ás nossas mãos. No combate de Foz de Arouce, que foi o mais renhido, tres batalhões francezes, da força de 1:000 homens, obrigados a passar o Ceira a vão, já ao entrar da noite, se afogaram pela maior parte; a perda dos francezes desde Santarem até o Alva, de um modo aproximado, parece ter sido a seguinte: 300 homens que ficaram no caminho ou foram aprisionados até Pombal; 200 homens mortos ou aprisionados em Pombal; 700 na Redinha; 150 em Miranda do Corvo; 2:000 entre mortos, prisioneiros e afogados em Foz de Arouce; 1:000 aprisionados nas margens do Alva: o numero de cadaveres encontrados, principalmente desde a Redinha até á Murcella, fóra dos logares dos combates, era extraordinario; os desgraçados doentes, que foram obrigados a seguir a marcha do exercito, caíam aos montes, exhaustos de fadiga e de privações, victimas de um plano barbaro: as pessoas que passaram por aquellas estradas logo nos primeiros dias calculam que seriam 2:000 a 3:000; perdeu em consequencia o exercito francez até o Alva 7:000 homens, entre mortos e prisioneiros, não contando os feridos que inda poderam seguir a marcha, e a maior parte da sua artilheria e bagagens.»

guezia da villa, propriamente dita, 1:118 fogos e 4:476 almas.

Na divisão judicial, Louzã figurou até hoje como cabeça de comarca de segunda ordem, sendo esta composta pelos concelhos da Louzã, Poiares, Miranda do Corvo e Penella.

Na villa não ha outra industria, além da fabrica de papel do sr. Lemos, de que faremos adiante menção especial. Em algumas povoações fabrica-se cal para obra de alvenaria, telha e tijolo; porém, n'um concelho bastante populoso, com relação á sua área, não occupam estas industrias a vigesima parte da população. O resto, ou antes a maxima parte dos habitantes, emprega-se na agricultura, que não se grangeia em pequena escala, posto não seja devidamente aperfeiçoada. E a razão d'este atrazo acha-se com facilidade. Os grandes proprietarios, que melhor podiam cultivar e fazer experiencias para aperfeiçoar os trabalhos agricolas, acompanhando assim os progressos da sciencia, trazem as suas propriedades, na maior parte, em mãos de arrendatarios ou rendeiros, que não podem fazer taes experiencias por falta de recursos e de conhecimentos, e vão lavrando e amanhando as terras como se a marcha progressiva dos tempos, a lição dos factos e o desenvolvimento da razão humana fossem enormes absurdos.

Assim na villa como em todo o concelho não ha uma especie particular de cultura. Tem por isso abundancia de trigo, centeio, cevada e milho. Os louzanenses com esta ultima especie, porém, é que se dão melhor, e a cultivam de preferencia ás outras. Tambem não é descurada a cultura da batata, e ultimamente introduziram a batata franceza *chardon*. O azeite, as castanhas e outras frutas não escasseiam, mas de vinho ha falta absoluta. Antes da invasão do *oidium*, ainda era possivel a producção do vinho necessario para o consumo local, embora fosse de inferior qualidade; mas, depois da invasão, alguns vinhedos e parreiraes que existem só apresentam o fructo gravemente offendido pela terrivel molestia.



Pelourinho da villa da Louzã

Calcula-se o valor da producção dos cereaes, etc., pela ultima estatistica, em 110:913$000 réis, que decomporemos, conforme os preços correntes, pouco mais ou menos, d'este modo:

Trigo	4:500	alqueires a	700 réis...	2:700$000
Milho	200:000	»	300 » ...	60:000$000
Centeio	4:000	»	400 » ...	1:600$000
Cevada..........	3:000	»	300 » ...	900$000
Feijão	1:500	»	400 » ...	600$000
Batatas	5:500	»	200 » ...	1:100$000
Favas...........	380	»	400 » ...	152$000
Ervilhas	55	»	600 » ...	33$000
Chicharos	60	»	400 » ...	24$000
Aveia...........	1:000	»	400 » ...	400$000
Castanhas.......	2:400	»	200 » ...	480$000
Nozes...........	210	»	400 » ...	84$000
Tremoços	600	»	400 » ...	240$000
Grãos de bico ..	200	»	500 » ...	100$000
Azeite	25:000	»	1:700 » ...	42:500$000
			Total..........	110:913$000

A exportação de toda a qualidade de cereaes e azeite póde considerar-se importante.

Ha povoações nas terras do concelho onde se cria abundantemente gado lanigero e cabrum.

Grande parte dos baldios, como tivemos occasião de observar e nos regozijou, porque assim queriamos ver esse cuidado em todos os municipios, está aproveitada em plantações de castanheiros, oliveiras e pinheiros; e a actual camara municipal, que traz aforados alguns, não descura o assumpto, porque o considera de certa magnitude para o augmento da riqueza do concelho, e vae tratar de desenvolver a sementeira do penisco em larga escala.

Constou-nos egualmente que a mesma camara desejava, com o producto de alguns baldios incultos, construir uma casa apropriada para a eschola primaria, de que havia grande falta, pois quando o anno passado visitámos a Louzã, a eschola publica do sexo masculino funccionava, á saída da villa, em um miseravel barracão, que ninguem diria que fosse possivel destinal-o para tão santo fim. As crianças alli nem sequer estariam ao abrigo do mais pequeno chuvisco!

Não pomos isto como censura, porque nem nos cabe lançal-a, nem poderiamos fazel-o, sabendo que em o nosso paiz a instrucção primaria tem andado, infelizmente, como que sem protecção; mas notâmos o facto para que a todo o tempo venha a saber-se que não nos foi indifferente, nem deixámos de observal-o com profunda tristeza.

Perguntando um dia a um dos mais intelligentes proprietarios da Louzã qual seria o modo de engrandecer o concelho, augmentando-lhe a riqueza, respondeu-nos logo, pouco mais ou menos, o seguinte, que daremos aqui com a expressão do desejo de que tão sensata opinião possa traduzir-se em facto real.

«Seria muito conveniente, nos disse, pois, o alludido proprietario, que as plantações começadas na serra e no Arneiro, taes como oliveiras, castanheiros, sobreiros e carvalhos, continuassem, bem como se désse incremento á sementeira do penisco. Além da grande riqueza que traria á villa o aproveitamento dos seus espaçosos baldios, pela criação de mattas e sua producção, o ar puro que respirâmos aqui tornar-se-hia purissimo, e viriamos a ter maior abundancia de agua para as regas e azenhas.

«O desenvolvimento das plantações serviria tambem para conter as impetuosas torrentes que, em occasiões de trovoadas, principalmente, se precipitam do alto da serra, e que, engrossando rapida e prodigiosamente o Arouce, algumas vezes causam graves e serios damnos. Temos que a principal riqueza da villa ha de provir-lhe facil e naturalmente, se a estrada que de Coimbra vem á Foz de Arouce se prolongar á villa, e d'aqui a Castello-Branco pelo Pedrogão. Ligar-nos-hia esta estrada com muitas e importantes povoações, e poderia a Louzã regenerar a sua agricultura, dar-lhe até nova phase se fosse mister, e tornar-se commercial. A continuação, em fim, da estrada de Thomar á Foz de Arouce, quer a entroncassem com a estrada da Beira, quer a levassem através de todo o concelho a Goes e Arganil, seriam melhoramentos importantissimos e muito de desejar para o concelho da Louzã.»

(Continúa) BRITO ARANHA.